



REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Terreiro fechado ou aberto? Poder de decisão dos sacerdotes e sacerdotisas frente à pandemia

Dra. Maria Elise Rivas¹

Resumo: o artigo discute as implicações da pandemia de Covid-19 nas religiões afro-brasileiras, especificamente quanto à liberdade decisória de sacerdotes e sacerdotisas, mediante as medidas sanitárias, de prevenção, frente aos seus princípios religiosos, que envolveram questões de cunho teológico, uma vez que essas religiões, por serem de tradição oral, não

1. Maria Elise Rivas é sacerdotisa da OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino), uma instituição religiosa afro-brasileira. Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), foi vice-diretora da FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), onde se graduou em Teologia, primeira e única instituição de formação teológica afro-brasileira. Autora de diversos livros, tanto religiosos como científicos e de militância pelas religiões afro-brasileiras.

Dra. Maria Elise Rivas

possuem um poder centralizado. Para tanto, apresenta resultados de interpretação e análise de breve investigação com terreiros da cidade de Itanhaém por meio de um questionário, a respeito de suas posições e atitudes tomadas durante a pandemia.

Palavras-chave: religiões afro-brasileiras; pandemia; Covid-19; tradição oral.

Introdução

■

Para entrarmos neste artigo propriamente dito creio ser necessário fazer uma memória do que me levou a pensá-lo e redigi-lo. Estamos no ano de 2020 em meio à maior pandemia dos últimos tempos, que parou o mundo e promoveu um choque a nível mundial pela letalidade da COVID-19. No primeiro instante não havia muitas informações sobre o coronavírus, mas com o passar do tempo a ciência foi se aprofundando em suas pesquisas e dando retornos esclarecendo progressivamente sobre o contágio por meio de gotículas salivares, proteção – sendo prevenção e isolamento social as principais medidas –, as diversas ações do vírus, desenvolvimento de testes e terapias

Terreiro fechado ou aberto?

para as pessoas infectadas. “O mundo parou”, com exceção dos serviços básicos.

Foram ao menos três meses de muita ansiedade e expectativas sobre como deveríamos nos posicionar para nos protegermos. Neste período cada nova notícia de casos de contágio ou de óbitos deixava a população mais ansiosa. Até o dia de hoje, 21 de setembro de 2020, foram registrados 31 milhões de infectados no mundo e 961 mil óbitos pela COVID-19. No Brasil já somamos 4,5 milhões de infectados e 136.895 mil óbitos.²

Após 192 dias do início do decreto pela OMS da pandemia, no dia 13 de março de 2020, com indicação ao isolamento social, até o dia em que escrevo este artigo, passamos uma guerra de interesses de todas as áreas da vida humana, seja no âmbito da economia, política, educação e religião quanto às indicações de prevenção e isolamento social. Isto abalou, em diferentes medidas, as diversas instituições sociais, inclusive a religiosa, que depende ou dependia em grande parte de encon-

2. O Google oferece um site em permanente atualização com os cenários de contágio e óbitos no mundo, em <https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&mid=/m/01hd58&gl=BR&ceid=BR:pt-419>.

Dra. Maria Elise Rivas

tros presenciais, que foram suspensos pelo isolamento social, indicado pela OMS.

O Brasil, por meio do decreto presencial número 10.292 de 25 de março de 2020,³ doze dias após o decreto da pandemia, inclui as igrejas como serviços essenciais, logo, as atividades religiosas passam a ser permitidas, desde que cumpridas as orientações do Ministério da Saúde. A partir de então, as instituições religiosas tiveram diferentes posicionamentos mediante a pandemia, ficando cada religião, segundo orientação de sua cúpula, com a liberdade de posicionamento de abrir ou não atividades públicas.

Como este processo afetou de modo direto as religiões afro-brasileiras? Duas questões são fundamentais para se responder a esta pergunta. A primeira é que as religiões afro-brasileiras têm um poder descentralizado (RIVAS, 2020), logo não há uma determinação de ações por um órgão específico e cabe aos(às) diversos(as) sacerdotes e sacerdotisas se posicionar perante sua comunidade de santo e a comunidade em geral.

3. A versão on-line pode ser visualizada no site do governo federal, em <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-10.292-de-25-de-marco-de-2020-249807965>.

Terreiro fechado ou aberto?

Elas são religiões policêntricas (RIVAS, 2020), de sorte que o poder se encontra nas mãos dos sacerdotes e sacerdotisas que têm a liberdade de organizar as questões rituais sob o comando das forças da sua ancestralidade e tradição.⁴ “Muitos dos conceitos básicos que dão sustentação à organização da religião dos orixás em termos de autoridade religiosa e hierarquia sacerdotal dependem do conceito de experiência de vida, aprendizado e saber, intimamente decorrentes da noção de tempo ou a ela associados” (PRANDI, 2002) e nos terreiros a autoridade máxima é o(a) sacerdote(isa).

A segunda questão que deve ser considerada é que as religiões afro-brasileiras são religiões de contato, seja por meio do transe e incorporação, uso do hálito, ebós, passes de entidades, feitura de santo, fumaça de charuto, bebidas, comidas rituais, portanto, fazer qualquer tipo de dinâmica ritual seria expor as pessoas e colocá-las em risco iminente. Neste processo ocorreu um repensar teológico das práticas rituais, um debate sobre os limites das mesmas, a centralidade da responsabilidade dos

4. No entanto, as federações parecem ter mais ou menos influência na tomada de decisão de líderes religiosos que delas fazem parte, como veremos em algumas respostas do questionário de estudo de caso quali-quantitativo.

Dra. Maria Elise Rivas

sacerdotes e sacerdotisas sobre a vida de cada pessoa de sua comunidade, em suas decisões de permanecer ou não com a casa de santo em atividade, bem como assumir publicamente seu posicionamento e suas responsabilidades sobre ele. Sendo a decisão de cunho descentralizado, não houve unanimidade quanto a abrir ou não os templos.

Evidenciou-se a responsabilidade sacerdotal no cumprimento das questões espirituais, bem como a dimensão espiritual da vivência pessoal de cada pai e mãe mediante a prática ritual, no exercício essencial na liberdade das diretrizes a serem tomadas e a consequente responsabilidade a ser assumida destas diretrizes, não como normas dadas e sim como consequência do exercício da autoridade de cada mãe ou pai de santo de agir e responder por suas ações.

Ao discutir a liberdade, ela pode ser compreendida pelas lentes de Habermas (1981) quando conecta o sentido com a comunicação. Mais do que poder afirmar sim ou não para as ideias e ações no mundo, a liberdade comunicativa pressupõe estar aberto e fazer uso de amplas possibilidades discursivas, de rever posicionamentos, afirmar novos conceitos, rejeitar outros e entrelaçar vários saberes. A liberdade nessa perspectiva também remete à conexão de teoria e prática (SIEBENEICHLER,

Terreiro fechado ou aberto?

2011), não podendo uma sobrepor a outra. Compreender a liberdade é tão importante quanto exercê-la. Exercer sem saber torna o ato ignorante. Saber sem praticar configura-se em inação. A liberdade como liberdade comunicativa é movimento e transformação constante, algo tão favorável e agradável à teologia do candomblé simbolizada em Exu.

Trata-se de liberdade atuante em que o sacerdote ou a sacerdotisa se posiciona mediante circunstâncias em tempo real. Este exercício cotidiano da liberdade de escolhas de um sacerdote e sacerdotisa é natural no comando das casas de santo de tradição oral. A liberdade é exercida e gera responsabilidades diariamente sobre o destino individual e coletivo do povo do santo.

É a liberdade de atuação de seu ofício sacerdotal. Uma liberdade exercitada cotidianamente em sua casa de santo, mas que neste momento ganha nova reflexão – uma reflexão teológica, de modo mais racional, de suas práticas religiosas. Esta reflexão teológica envolve a liberdade sacerdotal para uma tomada de posição frente a todas as circunstâncias e excepcionalidade da pandemia sem perder o lastro com sua ancestralidade e sua tradição, que se consolidam nas práticas rituais.

O sacerdote e a sacerdotisa sempre estão expostos a estímulos e influências ambientais de diversas ordens, que deman-

Dra. Maria Elise Rivas

dam tomadas de posição, que podem ir de uma situação mais pontual a questões mais coletivas em que sua liberdade muitas vezes está relacionada à maneira criativa e própria como responde àquele momento ou situação, mas não na magnitude da pandemia em que o ato de decidir está ao mesmo tempo relacionado com a manutenção das estruturas de sua ancestralidade e mitos que a constituem.

Entre o pensar teológico e a prática rito-litúrgica das casas de santo na pandemia

Aqui há de se considerar que para os sacerdotes e sacerdotisas das religiões afro-brasileiras o mundo é constituído de duas realidades indissociáveis, o mundo invisível/sobrenatural e o visível/natural, logo, suas decisões se pautam nestas duas realidades. Sendo que o sobrenatural, o invisível, a espiritualidade se encontra em maior destaque por ser ela quem dá vida ao mundo material, de modo que ouvir o mundo espiritual é preponderante aos pais e mães de santo, seja por meio do jogo, das conversas em incorporações ou outras modalidades mediúnicas como intuição, vidência, clarividência, entre outras.

Terreiro fechado ou aberto?

A tomada de decisão ganha um valor mediante este mundo, mas também mediante o outro mundo, e abrange um universo biopsicossocial (RIVAS NETO, 2017), envolvendo todos os âmbitos da vida espiritual e humana.

Como disse em artigo anterior, no primeiro número desta mesma revista (RIVAS, 2020), as casas de santo têm um saber teológico, que é passado de geração a geração, por meio da vivência no terreiro e em especial para quem segue a vida na iniciação, logo é assumido de modo natural, mas não obrigatoriamente ocorre de modo racionalizado por todas as pessoas. A prática cotidiana não obrigatoriamente é debatida a nível consciente, mas pudemos perceber que, em certa medida, a racionalização destas práticas, saber teológico, ganhou destaque na guisa do que se refere ao fazer e viver a religião e suas rito-liturgias no período de pandemia. A decisão de fechar uma casa de santo, mesmo que temporariamente, mediante as demandas de uma crise sanitária mundial trouxe para próximo reflexões teológicas que estavam sob o véu das práticas cotidianas. Aliás, esta questão passou a ser debatida.

Ganharam relevância alguns debates específicos para as religiões afro-brasileiras, por serem religiões de contato. Fechar as portas era uma demanda mundial para as religiões,

Dra. Maria Elise Rivas

mas há o viés que cabe às religiões afro-brasileiras. A primeira grande questão discutida na pandemia foi o tema do transe e incorporação. Ter ou não ter incorporação ou transe durante a pandemia?

O transe ou a incorporação envolve, por exemplo o *kê*, o *ilá* ou brado do Orixá, Nkise ou Vodum que se encontra atuando em seu *elegun* ou médium. Nas incorporações com ancestrais ilustres (RIVAS NETO, 2017) como caboclos, baianos, boiadeiros, marinheiros, crianças, pretos velhos e catiços, Exu e Pombagira ou Padilhas, ocorre a mesma situação – Exu e pombagira têm ainda as gargalhadas –, e há as conversas nas consultas espirituais, que normalmente acontecem com muita proximidade, logo há disseminação de gotículas de modo direto entre duas ou mais pessoas. Algo dado como sendo a principal causa de contágio da COVID-19.

Aí surgem outras questões, como o uso das máscaras para os(as) incorporados(as) e os(as) clientes⁵. Será quebrar uma tradição fazer uso da máscara? Muitos entendem a máscara

5. Coloco no presente o uso da máscara, mas entenda-se que para quando ocorrer o retorno ou apenas para aqueles que já retornaram.

Terreiro fechado ou aberto?

como um interdito. Temos crenças no poder do Orixá e ancestrais para nos preservar de toda e qualquer coisa sem a máscara? Não tem fé suficiente no Orixá e no ancestral quem a utiliza? Será que ambos, Orixá e ancestral, protegem pela força espiritual, independentemente de as questões de contágio serem iminentemente pelo contato? Qual é a medida entre a proteção Divina e nossas responsabilidades pessoais? Somos imunes quando estamos com o axé em dia? O vírus pega só quem está de corpo aberto?

As questões não cessaram apenas neste campo e adentraram outros aspectos da rito-liturgia: como as entidades, na qualidade de ancestrais, não poderiam mais fazer uso do charuto, cigarrilha, cigarro de palha, bebidas e comidas ritualísticas? Como proceder com as vestimentas? O uso da máscara seria um impeditivo nesta questão. Como proceder? Haveria mudança em princípios estruturantes dos aspectos rito-litúrgicos mediante esta decisão. Poderá um caboclo e Exu, por exemplo, atuarem sem uso de charuto? Seria possível dar passes a dois metros de distância e com uso de máscaras? Os rituais, se ocorrerem, podem ter distanciamento, máscara e álcool em gel durante o processo? Rituais realizados a distância são portadores de axé? As entidades incorporadas podem fazer uso

Dra. Maria Elise Rivas

dos mesmos sem ferir a credibilidade do médium ou *elegun*? E, finalmente, a questão se é ou não possível tornar virtuais algumas práticas rituais: pode-se jogar via redes sociais? Fazer atendimento incorporado vias redes sociais?

Outro fator a que a pandemia também trouxe reflexões foi sobre como manter o axé. Algumas casas de santo fazem uso de materiais que podem ser adquiridos com facilidade nos supermercados, como bebidas, pipocas, farinhas e ervas que podem ser plantadas ou adquiridas e são mais comuns, como hortelã, manjerição, alecrim, entre outras. As defumações também podem contar com artigos simples adquiridos nos supermercados ou no *delivery* de casas de artigos religiosos, mas há materiais que, além da dificuldade de aquisição, também esbarram na complexidade do processo de execução devido à questão ritual. Muitos pais e mães de santo guardam segredos, por vários motivos e que não se enquadram nos objetivos deste artigo, de suas receitas de remédios oriundos da sabedoria tradicional de terreiro, e a pandemia os levou a uma encruzilhada de como proceder entre as necessidades individuais e os segredos. Mais uma vez esbarra-se na questão dos questionamentos dos limites dos fundamentos religiosos e a divulgação dos mesmos.

Terreiro fechado ou aberto?

E o uso de animais!? Seria possível continuar? Tudo deveria ser suspenso? Mas e os compromissos assumidos, às vezes durante anos, com sua ancestralidade? Muitas casas dão seu axé anual e utilizam destes preceitos. Aí entra outro debate que vem desde a aquisição dos animais, para aqueles(as) que não têm sua própria criação, até o uso do sacrifício animal.

E as terapias de terreiro que requeriam contato físico, como ebós? Haveria uma nova forma de adaptá-las para que as pessoas não ficassem desvalidas destas terapias? Foram geradas novas formas de fazer? Isto seria perder axé ou, ainda pior, perder o lastro da sabedoria tradicional de terreiro? Há outro aspecto central, que é o preditivo, por meio do jogo. Isto geralmente é realizado de modo presencial frente à mesa de jogo, entre sacerdote ou sacerdotisa e o cliente, mas o isolamento social e o risco de contágio pela COVID-19 não mais possibilitaram essa interação. Suspender ou adaptá-lo aos meios de tecnologia via redes sociais? Atendimento aos filhos(as) de santo poderia também ser feito via internet? Isto rompe com a tradição?

Estas foram questões que levamos ao campo para serem respondidas pelos sacerdotes e sacerdotisas mediante o novo cenário que a pandemia trouxe e buscamos entender como

Dra. Maria Elise Rivas

eles procederam em sua liberdade e responsabilidade sacerdotal que o cargo lhes confere.

Breve apontamento: amostragem em Itanhaém

Em meio a esse cenário e às questões apontadas, decidi fazer uma breve pesquisa, via WhatsApp, orientada por um questionário de 18 questões, sobre as decisões e o modo de atuação de lideranças religiosas em meio à pandemia e suas decisões das posições rituais. A cidade escolhida foi Itanhaém e a pesquisa, com dez lideranças religiosas, sendo elas da cidade de Itanhaém.

A escolha foi feita por aqui residir e exercer o cargo de sacerdotisa das religiões afro-brasileiras, além de promover tanto atividades religiosas como socioculturais. E, por estarmos em situação de pandemia, o que dificulta visitas, fizemos uma pesquisa com questionário enviado por WhatsApp a dez lideranças de terreiros, com as quais já havia travado conhecimento prévio em virtude da campanha “Terreiros fechando portas e abrindo os corações: solidariedade já”. Campanha idealizada

Terreiro fechado ou aberto?

pela OICD – Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino, em andamento desde abril de 2020 para a arrecadação de recursos para aquisição e distribuição de cestas básicas, com alimentos e itens de higiene, bem como de máscaras preparadas pela comunidade de santo da qual sou sacerdotisa. Esses dez terreiros foram contemplados, durante todos os meses da campanha desde então, recebendo cestas básicas para distribuição interna.

Urge dizer que infelizmente não há qualquer mapeamento oficial de terreiros das religiões afro-brasileiras na cidade, de modo que muitas casas são invisibilizadas, sobretudo as que se localizam em regiões periféricas e afastadas⁶. Portanto, os

6. Este cenário é preocupante, uma vez que a Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020, chamada Aldir Blanc, dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural e identifica as casas ou terreiro de matriz africana, como o candomblé, além das manifestações de capoeira e outras de matriz africana do município como pontos de cultura ou aptos a requerer o auxílio ou participar de editais. Muito debate houve e ainda há sobre a regulação e as responsabilidades estaduais e municipais sobre a lei, mas importa-nos aqui dizer que, com sua promulgação, ficou evidente que um sem-número de cidades se mostrou despreparado por não ter cadastro prévio dos terreiros, comunidades de tradição oral, e de modo repentino esses cadastros começaram a ser realizados. Há muito sugerimos e incentivamos a todas as secretarias de cultura a promover esses cadastros, bem como as lideranças de terreiros e casas das religiões afro-brasileiras precisam atentar para alcançar e exercer seus direitos, ainda mais em tempo de pandemia, quando os recursos de sacerdotes e sacerdotisas oriundos de atendimentos mingauaram.

Dra. Maria Elise Rivas

dez terreiros escolhidos estão longe de representar a totalidade, que ainda desconhecemos, porém abrem, por assim dizer, a primeira parte de um caminho.

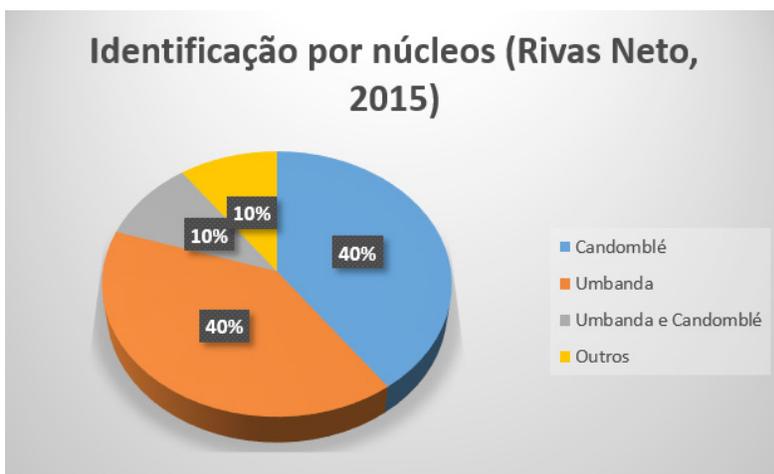
Interpretação dos dados

Sobre a identificação das instituições, seguimos, na questão 2, a divisão de acordo com os três núcleos duros propostos por Rivas Neto (2015), a saber: umbanda, candomblé e encantaria⁷. Assim, tivemos como resultado: 4 terreiros de umbanda, 4 de candomblé, 1 terreiro de umbanda e de candomblé e 1 terreiro que optou pela resposta “outros”, ou por não querer se identificar, ou talvez por pertencer a mais de um e, como infelizmente ainda é comum, ter receio de assumir dupla ou tripla pertença.

7. Sobre esse conceito, bem como o de zonas de diálogos, ver o verbete de João Luiz Carneiro (2020) no *Dicionário teológico das religiões afro-brasileiras* no primeiro número desta revista.

Terreiro fechado ou aberto?

Figura 1 – Identificação dos terreiros



Assim, nessa amostragem terreiros de candomblé e umbanda encontram-se quantitativamente em posições semelhantes, sem predomínio de um ou outro, ao passo que é evidentemente minoria o caso de lideranças que, ao menos publicamente, assumem mais de uma pertença.

Quanto à questão 3, temos os seguintes eixos: terreiros que fecharam e continuam fechados; terreiros que fecharam e reabriram e terreiros que não fecharam. A distribuição se dá do seguinte modo:

Dra. Maria Elise Rivas

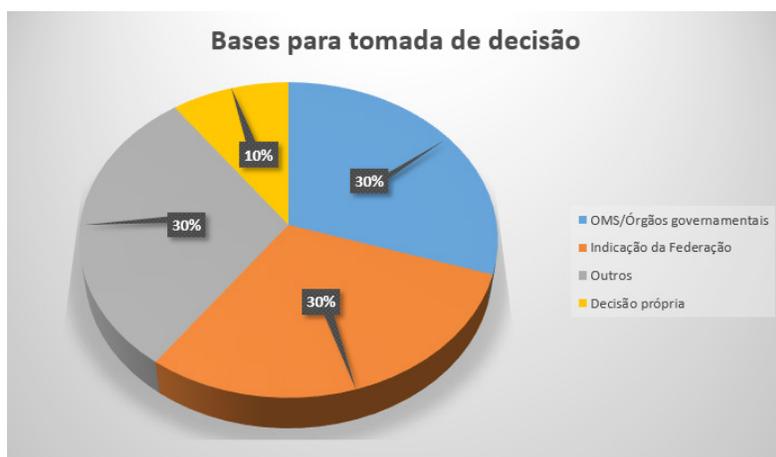
Figura 2 – Atitude dos terreiros de suspensão das atividades perante e durante a pandemia



Dos dez terreiros, apenas uma liderança, de terreiro umbandista, não suspendeu as atividades, metade dos terreiros ainda se mantém fechada e quatro fecharam inicialmente, porém reabriram após sentirem-se seguros. Esta última decisão nos leva à questão 4, sobre como cada liderança tomou sua decisão. Vamos aos dados.

Terreiro fechado ou aberto?

Figura 3 – Fatores de influência nas decisões das lideranças religiosas sobre fechamento e abertura de suas casas



Percebe-se que, dos 10 terreiros, 9 ou 90% serviram-se de influências externas, quer seja por meio de orientações da OMS ou órgãos governamentais (30%), quer seja por meio de indicação das federações (30%), quer seja por outros fatores, talvez aí, a título de conjuntura, podemos encontrar direcionamentos das próprias entidades da Casa. Apenas uma Casa, aquela que se manteve aberta, não teve influência explícita e sua liderança disse ter chegado a tal determinação por decisão própria. Será que, quando há diálogo e, assim, em algum grau

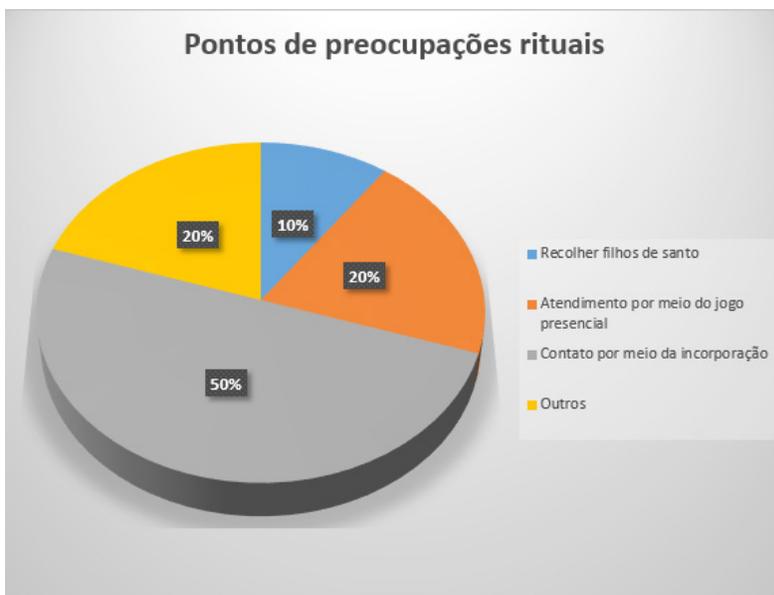
Dra. Maria Elise Rivas

o compartilhamento social daquela liberdade e responsabilidade de que falamos, o relacionamento com outros setores de influência tende a determinar a tomada de decisões? Parece-nos que sim, uma vez que qualquer liderança, ao desconsiderar recomendações de órgãos governamentais (apesar de, no específico e *sui generis* caso brasileiro termos presenciado diferenças drásticas de posicionamentos entre as esferas federal, estaduais e municipais), da federação à qual pertença, se for o caso, e mesmo de outros fatores não especificados, porém existentes, está sobrepondo-se a todas essas esferas sociopolíticas e exercendo seu legítimo direito como sacerdote ou sacerdotisa em sua casa religiosa.

Em seguida, na questão 5, questionamos qual era a maior preocupação das lideranças religiosas com as questões rituais com relação à pandemia, e chegamos aos seguintes resultados:

Terreiro fechado ou aberto?

Figura 4 – Respostas das lideranças sobre preocupações rituais ante a pandemia de Covid-19



Assim, 5 lideranças, ou 50% do total, mostraram que a maior preocupação se dá com relação ao atendimento por meio da incorporação. Entendemos aqui incorporação como o transe em que um espírito ou entidade externa, isto é, sujeito diferente do médium ou cavalo de santo, utiliza-se do corpo deste (RIVAS NETO, 2017), algo diferente do transe de ma-

Dra. Maria Elise Rivas

nifestação do Orixá, por exemplo, que é de dentro para fora. Acreditamos que isso se explique porque as entidades, justamente por essa característica, qual seja, de terem outra consciência e modo de pensar que não o do médium, têm na sua atuação a imprevisibilidade, e podem abraçar os consulentes ou mesmo retirar a máscara do médium, algo que poderia ser interpretado como falta de responsabilidade perante os protocolos vigentes. Sabemos que esta questão pode gerar polêmica, como a que nos parece a primeira e óbvia: “mas os espíritos não têm responsabilidade?”. Não entraremos nessa discussão com esta pesquisa, mas deixamos uma reflexão: se há atendimento com incorporação durante a pandemia, então não se deveria perguntar primeiro da decisão do sacerdote ou da sacerdotisa que assim decidiu e optou por chamar as entidades?

Sobre a questão 6, do uso de máscara nas casas de santo, tivemos os seguintes resultados:

Terreiro fechado ou aberto?

Figura 5 – Respostas das lideranças religiosas sobre adoção de máscaras



Ou seja, 8 terreiros ou 80% adotaram a utilização de máscaras dentro do terreiro. Cumpre dizer que, em algumas tradições, o uso de máscara é um interdito, como apontamos anteriormente. No entanto, em virtude da grave situação pandêmica, trata-se de algo que precisou ser revisto. Uma liderança não respondeu e somente uma, aquela que não interrompeu as atividades, não adota o uso de máscaras. Aqui é oportuno mencionar que já ouvimos mais de uma vez adeptos das religiões afro-brasileiras dizerem que “o Orixá protege”. Sobre isso

Dra. Maria Elise Rivas

já questionamos em nossas *lives* mensais em nossa página no Facebook: o Orixá nos protege de nossa irresponsabilidade? Se aplicarmos essa lógica a demais âmbitos, chegaremos a absurdos como: não tomar vacina, não olhar para os dois lados da rua ao atravessar, não usar cinto de segurança nem respeitar os limites de velocidade... Enfim, será que o Orixá nos protege a ponto de ultrapassarmos os limites da segurança alheia?

As questões 7, 8 e 10 são interdependentes e verificamos que 90% das lideranças restringiram suas atividades, para atendimentos internos, com poucas pessoas, ou a distância, sempre usando máscaras, álcool em gel e distanciamento social, exceto o caso de uma liderança que faz atendimentos virtualmente e, nesse caso, não usa máscaras porque não há proximidade. Somente uma liderança, do terreiro que manteve suas atividades abertas, continua com “gira normal” e diz que “alguns” usam máscara, outros não, afinal, se a liderança da Casa não adota, a responsabilidade passa a cada um dos membros da casa ou dos clientes, ou da assistência que a frequenta, de modo que a única tentativa de prevenção é pela distância.

Quanto à questão 9, apenas uma liderança não respondeu, ao passo que todas as outras, ou 90%, responderam negativamente: ou seja, não estão participando nem dando festas.

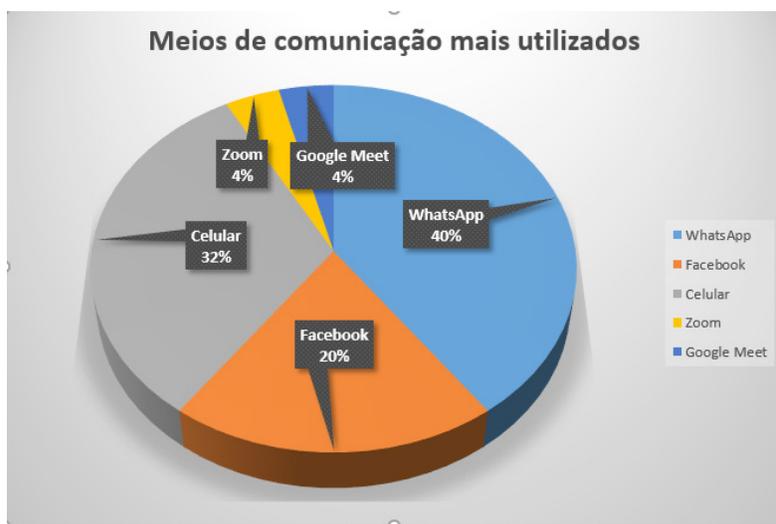
Terreiro fechado ou aberto?

Aqui temos um dado curioso, pois até mesmo a liderança que não suspendeu as atividades, não adota máscaras e continua com “gira normal” diz que não está fazendo festas nem as frequentando.

Sobre a pergunta 11: “Na pandemia fez uso de tecnologias para manter contato com filhos de santo?” , todas as lideranças afirmaram utilizar as tecnologias para manter contato com os filhos e filhas de santo, e a mais utilizada foi o aplicativo *WhatsApp*. Nesta pergunta foi dada a opção de as lideranças escolherem mais de uma alternativa, de modo que a análise leva em consideração os resultados absolutos. ■

Dra. Maria Elise Rivas

Figura 6 – Meios de comunicação mais utilizados pelas lideranças religiosas

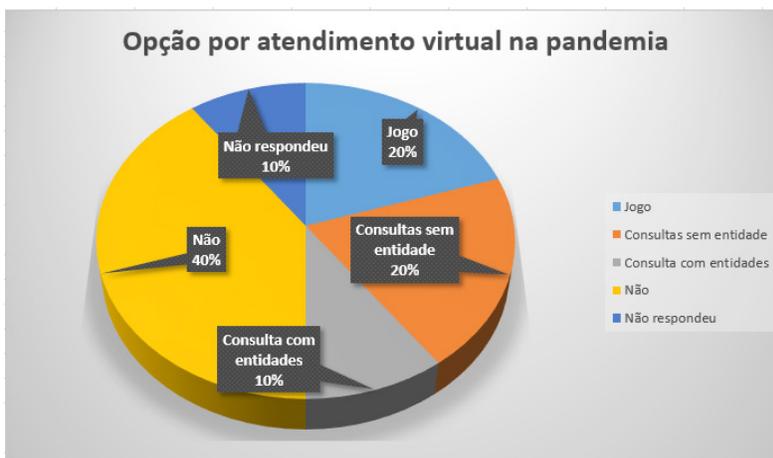


Já a respeito da questão 12, qual seja, “Com a pandemia, passou a fazer atendimento pela internet?”, metade das lideranças passou a realizar atendimento pela internet em virtude da pandemia, de modo que a forma preferida é pelo jogo e pela consulta sem entidade, isto é, sem que o pai ou mãe de santo esteja incorporada. Apenas uma liderança informou fazer atendimento virtual com incorporação. Quarenta por cento das lideranças não aderiu a qualquer tipo de atendimento virtual.

Terreiro fechado ou aberto?

Cumpre dizer que entendemos aqui atendimento como a consulta para interveniência direta no destino de filhos ou filhas de santo e de quaisquer outras pessoas que busquem pelo trabalho e sabedoria do sacerdote ou sacerdotisa. Isso porque esse atendimento não é a mesma coisa que o contato entre pais e mães de santo com sua comunidade por meio de aplicativos como *WhatsApp* e *Zoom*, embora, como vimos, os atendimentos possam ocorrer também por esses meios.

Figura 7 – Respostas sobre a adoção de prática de atendimento on-line durante a pandemia

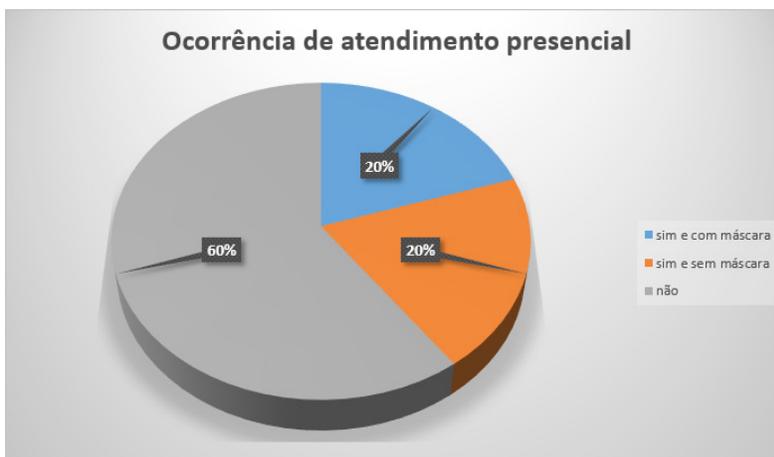


Dra. Maria Elise Rivas

Ainda sobre os atendimentos, a questão 13 “Com a pandemia faz atendimentos incorporado pessoalmente?” mostrou que quatro lideranças, ou 40%, disseram fazer atendimentos por meio da incorporação em modo presencial durante a pandemia. Lembremos que na questão 3 foram justamente 4 terreiros que disseram ter fechado no início da pandemia e reaberto quando se sentiram seguros, de modo que metade ainda se encontrava fechada e apenas um não havia fechado. Ou seja, no estado atual, seriam 5, ou 50% dos terreiros, que já reabriram, porém nem todos retornaram com atendimentos presenciais por meio da incorporação, de modo que essa abertura já se encontra limitada pela pandemia, não ocorrendo de modo total, mas adaptado, em ao menos um dos terreiros pesquisados.

Terreiro fechado ou aberto?

Figura 8 – Respostas sobre atendimento presencial por meio de incorporação



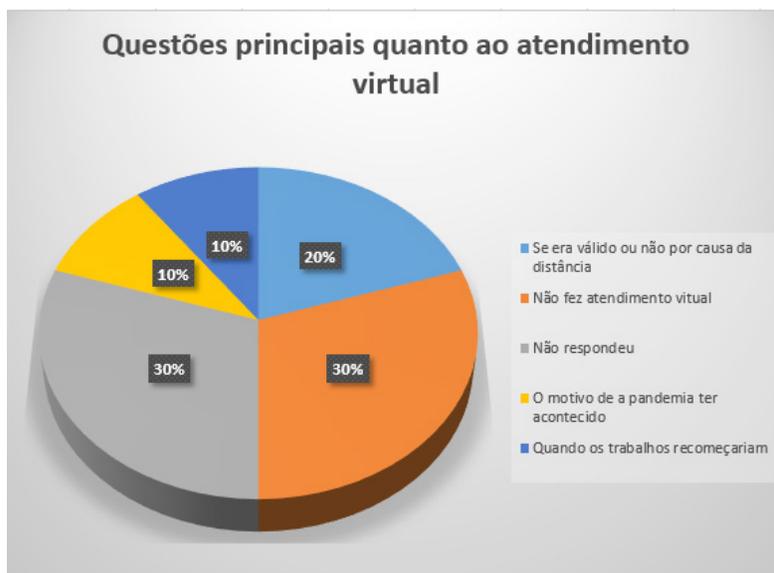
Entretanto, com o distanciamento, buscamos saber como as lideranças continuaram os cuidados com suas comunidades. Deste modo, a questão 14, “Passou a dar terapias de terreiro como banhos, defumações e trabalhos para que as pessoas realizassem em suas casas?”, mostrou que todas as lideranças, isto é, 100%, responderam afirmativamente à pergunta sobre oferecimento de terapias dos terreiros para realização em casa. A pandemia pode ter implicado o chamado distanciamento social, mas isso não causou, ao que parece, distanciamento es-

Dra. Maria Elise Rivas

piritual, pois pais e mães de santo procuraram oferecer meios para continuar cuidando de seus filhos e filhas, além do contato por meio da tecnologia, que também se fez presente.

Na questão 15, dissertativa, perguntamos às lideranças quais eram as principais questões ocorridas durante os atendimentos virtuais ou a distância, de modo que obtivemos os seguintes dados:

Figura 9 – Dados sobre o principal questionamento dos consulentes no atendimento virtual



Terreiro fechado ou aberto?

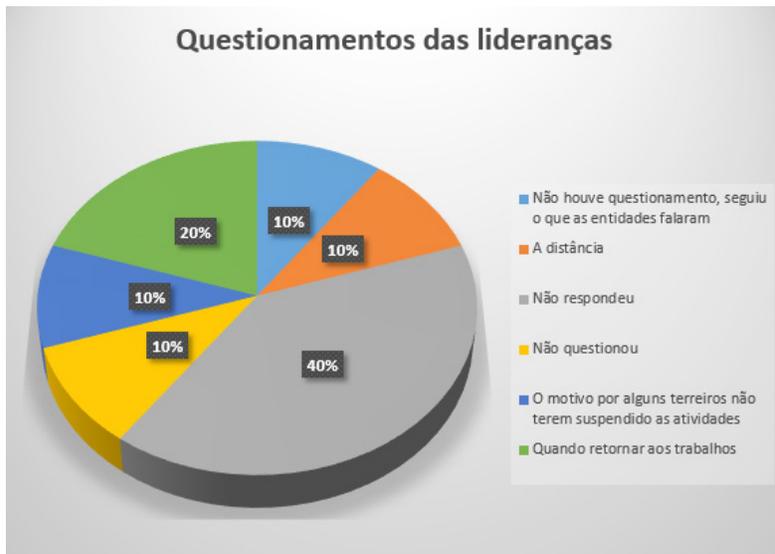
Considerando que vimos na questão 12 que 40% das casas não optaram pelo atendimento virtual, então compreendemos o resultado de 60% ou 6 lideranças não terem respondido ou terem selecionado “não fez atendimento virtual”. Assim, quanto às lideranças que fizeram atendimento e optaram por responder, somente 40% do total, o principal questionamento apontado era sobre a validade do atendimento a distância. Parece, então, que os próprios consulentes têm dúvidas quanto à eficácia ou não desse tipo de atendimento, e as duas outras respostas são sintomáticas: queriam saber o porquê de a pandemia ter acontecido e quando os trabalhos no terreiro retornariam.

Assim, notamos que, apesar de terreiros adaptarem atendimentos, com a modalidade virtual, esse tipo de trabalho não substitui os trabalhos e atendimentos presenciais.

Sobre a questão 16, “O que a Senhora ou o Senhor mais se questionou sobre os procedimentos rituais na pandemia”, de resposta dissertativa, tivemos o seguinte cenário:

Dra. Maria Elise Rivas

Figura 10 – Respostas sobre as principais questões que as lideranças tiveram ante a pandemia



Aqui surpreendem os 60% de não resposta, distribuídos entre 1 liderança que disse não ter feito qualquer questionamento, 1 que não questionou porque seguiu as entidades e 4 que optaram por não responder. Trata-se talvez de uma dificuldade de as lideranças se expressarem por esse grave cenário de pandemia que nos acometeu a todos. Dos 40% restantes e que responderam, salta aos olhos o questionamento

Terreiro fechado ou aberto?

sobre quando ocorrerá o retorno aos trabalhos, possivelmente à “normalidade”, seguido pela dúvida do motivo de alguns terreiros não terem suspenso as atividades e por uma resposta que temos dificuldade em interpretar, bem como nos desperta a curiosidade: “A distância”. Seria uma referência à distância gerada e, em grande medida, forçada pelo distanciamento social, ou seria algo relacionado a uma sensação de distância da espiritualidade em virtude do fechamento das portas dos terreiros?

Agora, entramos na questão 17, “Houve por parte das entidades espirituais da casa orientação para abrir ou manter fechado o terreiro durante a pandemia?”, que nos mostrou que 70% dos terreiros tomaram sua decisão por abrir, reabrir ou manter suspensas suas atividades com base em orientação espiritual.

Dra. Maria Elise Rivas

Figura 11 – Respostas sobre influência espiritual na abertura ou não das atividades dos terreiros



Dos 7 terreiros que seguiram orientação espiritual, 3 basearam-se no jogo divinatório (2 casas utilizaram o jogo de búzios e 1 delas utilizou o opelê), ao passo que as outras quatro casas seguiram recomendações diretas de espíritos, Exu, Pombagira etc.

Por fim, na última questão perguntamos se poderíamos citar o nome da Casa que a liderança dirige, bem como seu nome, e 9 terreiros responderam afirmativamente, de modo que apenas 1 não respondeu, motivo pelo qual mantivemos o anonimato.

Terreiro fechado ou aberto?

Considerações finais

De nossa análise, o que se pode, ainda que parcialmente, ser concluído?

As lideranças religiosas, por mais que sejam soberanas cada qual em sua casa, não deixam de ouvir a sociedade para sua tomada de decisão.

Os terreiros tenderam, em um primeiro momento, a suspender suas atividades, de modo que parte promoveu a reabertura com base em protocolos de segurança de saúde pública. Parte ainda se encontra totalmente fechada e pais e mães de santo estão se utilizando da tecnologia para promover contato com filhos e filhas de santo e até mesmo realizar atendimentos.

Apesar do uso da tecnologia, o atendimento virtual enfrenta problemas tanto por parte das lideranças, uma vez que muitas não optaram por essa modalidade, e, entre as que optaram, encontram questionamentos sobre sua eficácia a partir dos próprios consulentes.

Essa investigação rápida, no entanto, não reflete a realidade, mas *uma* realidade, justamente aquela derivada da conscientização e de ações coletivas. Como dissemos, todos esses

Dra. Maria Elise Rivas

terreiros tiveram alguma relação com minha própria Casa de Santo na referida campanha solidária e muito provavelmente essa troca de diálogos favorece à união em torno de um ideal responsável. Ainda assim, houve uma liderança que manteve suas atividades ininterruptas, direito que respeitamos e defendemos, embora discordemos por motivos amiúde discutidos.

Cada Casa, a seu modo próprio, procurou se adaptar ao cenário, quer seja com influência de instituições como OMS e das federações, quer seja com a fé única e exclusiva no mundo sobrenatural. No entanto, em todas elas a pandemia causou mudanças, mesmo naquela que se manteve aberta, pois sua liderança deixou de comparecer a ou realizar festas. E esta pesquisa apontou ainda outro caminho importante para compreensão das consequências da pandemia nas religiões afro-brasileiras ao lançar luz sobre os consulentes ou assistência e as próprias comunidades de santo. Isso porque aqui pincelamos os sacerdotes e sacerdotisas somente, no entanto as religiões afro-brasileiras organizam-se em famílias de santo ou comunidades, com seus líderes, a hierarquia de adeptos ou membros e a ampla comunidade, de frequentadores e clientes. Quanto aos clientes, com muitas Casas fechando as portas e mantendo-se fechadas, o que fizeram? Procuraram outras Casas? Mudaram

Terreiro fechado ou aberto?

alguns de religião ou crença? Como receberam essa decisão de suspensão de atividades? Adaptaram-se às alternativas de atendimento virtual? E outras perguntas podem ser feitas aos próprios membros de comunidades. Pesquisas essas que poderiam nos dar mais indícios sobre as consequências e conflitos biopsicossociais causados pela pandemia de COVID-19.

Diante do exposto, é possível afirmar o reconhecimento de dois pilares que sustentam todo esse processo. De um lado temos o poder descentralizado como uma realidade para as religiões afro-brasileiras expressa nesta amostra de casas umbandistas, de candomblé e que praticam ambas as formas. Nesse sentido, o poder de decisão sobre abrir ou fechar o terreiro e, em estando fechando, quando abrir trata-se de algo exclusivo do sacerdote ou sacerdotisa, ainda que membros da comunidade, regras do Estado, dados da imprensa ou da ciência possam influenciar essa decisão.

Do outro lado é possível observar as dificuldades de um ritual de contato com os problemas inerentes à pandemia de COVID-19. Com essas restrições tão fortes, os dirigentes que estão mais preocupados com a saúde têm um impasse de não conseguir abrir seu terreiro para rituais ou – ao abrir – criar protocolos que descaracterizam bastante a sua tradição. Um

Dra. Maria Elise Rivas

desafio tanto espiritual quanto biológico para os umbandistas ou da saúde do binômio ori-bará para os candomblés jeje-nagô pesquisados.

Referências

ATLAS do Desenvolvimento Humano do Brasil. Itanhaém. Disponível em: http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/3271. Acesso em: 21 set. 2020.

BRASIL. Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020. Dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. *Diário Oficial da União*. Imprensa Nacional, 30 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.017-de-29-de-junho-de-2020-264166628>. Acesso em 21 set. 2020.

HABERMAS, Jürgen. *Theorie des kommunikativen Handelns*, I: Handlungsrationalität und gesellschaftliche Rationalisierung. Frankfurt/M: Suhrkamp, 1981.

IBGE. *Itanhaém*. Panorama. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/itanhaem/panorama>. Acesso em: 21 set. 2020

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Terreiro fechado ou aberto?

RIVAS, M. E. Entre teologias e preconceitos. *Estudos Afro-Brasileiros*, v. 1, n. 1, p. 57-84, 14 maio 2020.

PRANDI, Reginaldo. O candomblé e o tempo. Concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. *Rev. bras. Ci. Soc.* vol. 16, n. 47, São Paulo, out. 2001. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092001000300003>. Acesso em: 10 set. 2020.

RIVAS NETO, F. *Candomblé: teologia da saúde*. Itanhaém: Aláfia, 2017.

RIVAS NETO, F. *Teologia do ori-bará*. São Paulo: Arché, 2015.

RIVAS NETO, F. *Escolas das religiões afro-brasileiras: tradição oral e diversidade*. São Paulo: Arché, 2012. ■

SIEBENEICHLER, Flavio Beno. Sobre o conceito de liberdade comunicativa. *Revista brasileira de direito constitucional*, v. 17, n. 1, p. 341-360, 2011.

Dra. Maria Elise Rivas

Apêndice

Questionário enviado por WhatsApp às lideranças participantes.

1. Aceita participar de uma entrevista para um artigo científico?

sim

não

2. Toca casa de:

umbanda

candomblé

outros

3. Quando soube da pandemia e dos riscos qual atitude tomou?

fechou a casa temporariamente

mantém a casa fechada até o momento atual

não fechou a casa

fechou e reabriu quando se sentiu seguro

Terreiro fechado ou aberto?

4. Sua decisão foi baseada

- indicação de Federação
- informações divulgadas pela televisão
- informações divulgadas por órgãos governamentais
- outros

5. Qual sua principal preocupação com questões rituais

- contato por meio da incorporação
- atendimento por meio do jogo presencial
- recolher filhos de santo
- outros

6. Você faz uso de máscaras em sua casa de santo?

- sim
- não

7. Tem feito algum tipo de atividade? Qual?

8. Com máscara ou sem máscara?

- Com máscara
- sem máscara

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dra. Maria Elise Rivas

9. Tem dado festas ou participado de festas de santo?

() Sim

() Não

10. Quais as precauções que tem tomado contra o coronavírus?

11. Na pandemia fez uso de tecnologias para manter contato com filhos de santo?

() sim

() não

Se sim quais foram os meios

() WhatsApp

() Facebook

() Zoom

() celular

12. Com a pandemia passou a fazer atendimento pela internet?

() jogo

() consultas sem entidade

Terreiro fechado ou aberto?

consulta com entidades?

Não

13. Com a pandemia faz atendimentos incorporado pessoalmente?

sim e com máscara

sim e sem máscara

não

14. Passou a dar terapias de terreiro como banhos, defumações e trabalhos para que as pessoas realizassem em suas casas? ■

sim

não

15. Qual foi o maior questionamento no atendimento virtual, durante a pandemia?

16. O que a Senhora ou o Senhor mais se questionou sobre os procedimentos rituais na pandemia?

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dra. Maria Elise Rivas

17. Houve por parte das entidades espirituais da casa orientação para abrir ou manter fechado o terreiro durante a pandemia

sim

não

Qual foi a orientação?

Quem foi a entidade espiritual?

■ Foi o jogo divinatório?

sim

não

Qual jogo?

18. Autoriza a divulgação do nome da instituição no artigo?

sim

não